

JORNAL DO BRASIL

A mensagem de Tancredo Neves

21 ABR 1985

ULYSSES Guimarães comparava a situação do povo brasileiro, nos últimos dias da enfermidade de Tancredo Neves, com a de um naufrago que se agarra a uma tábua de salvação, a que se chamasse Esperança. E com a passagem dos dias, foi posta em dúvida até mesmo a existência dessa tábua, o que não impedia que todos continuassem agarrados a ela, como se, na verdade, existisse. Alguma cousa que já ia entrando para o âmbito do surrealismo, para provar que, numa situação desesperada, na luta entre a realidade e a Esperança, era a Esperança que acabava vencendo, como específico para uma angústia que tomava conta de todos os corações.

Tudo, afinal, reflexo da presença desse novo Brasil, que veio a acordar com a campanha das Diretas, sob a palavra inflamada de Tancredo Neves e seu companheiro de lutas, Ulysses Guimarães, com a mocidade enchendo as ruas e as praças de todo o país, numa sucessão de espetáculos deslumbrantes. Os comícios terminavam com o canto do Hino Nacional brasileiro, para se ter a certeza de que ali estava o Brasil, e um Brasil resoluto e indomável. Era sempre Tancredo Neves que, de pé, entoava o canto, com que se invocava a presença de todos os brasileiros, com uma voz segura, surpreendentemente afinada, com o olhar incendiado pelo patriotismo de sua pregação. Tenho bem viva a recordação de sua figura, no Teatro Casa Grande, com as mãos erguidas, entrelaçadas com as dos companheiros que estavam ao lado dele, vibrante de entusiasmo, mais vivendo do que cantando, como se fosse um apelo a todo o Brasil, para que o acompanhasse naquela campanha em que se jogava o destino da Pátria.

Por isso creio que Cláudio Abramo tem razão, quando nos fala no sacrifício de Tancredo Neves. Ele não podia ignorar a gravidade dos males que já o afligiam, e que acabam de ser lembrados pelo Presidente eleito da República do Peru. Já lhe era difícil dominar as dores que sentia. Mas havia, dentro dele, uma dúvida que o atormentava. Seria que poderia ocorrer, pacificamente, a posse do Vice-Presidente, não obstante a significação política do Senador José Sarney? E como não chegava a uma certeza, daí a obstinação com que fechava os ouvidos às advertências dos médicos, dominando as dores que o assediavam, substituindo o rictus do sofrimento pelo sorriso confiante, indiferente ao trabalho surdo das bactérias que iam invadindo o seu organismo. Até que chegasse o momento em que nada mais poderia ser feito do que correr para o primeiro hospital, o que estivesse mais perto, e não o que fosse o mais seguro.

O resultado dessa imprudência patriótica aí está, nessa sucessão de sete cirurgias que iam gastando, aos poucos, as reservas de um organismo de extraordinária robustez. Sete cirurgias que corriam como os passos de uma Paixão. Como se tivesse aos ombros uma cruz e um Calvário substituído pelas mesas de operação. Com a diferença de que iria contar, não com uma população

ululante, proferindo doestos e injúrias, mas com a presença de um povo amigo, solidário e fiel, procurando, na Fé, o socorro das Esperanças. Os que não sabiam rezar, pediam aos outros que rezassem por eles. Os descrentes, humilhados, pela falta de Fé, sentiam-se desamparados, considerando-se inúteis naquele momento crucial.

Se os comícios haviam revelado a presença de reservas profundas de civismo, na luta pela restauração do poder civil, os sofrimentos de Tancredo Neves concorreram para uma explosão de religiosidade. Pouco importava saber a que culto se dirigiam os que mal podiam conter as lágrimas, já difíceis de esconder. O essencial era a presença de um culto, de qualquer culto que fosse. Pouco importava saber qual a crença mais poderosa, para evitar o desenlace que a todos intimidava. Era um momento em que o Sobrenatural se unificava num culto universal. O fundamental era a reza, a prece, o apelo que viesse do fundo de uma alma transtornada pela aflição, invadida por uma angústia invencível. Todos ueriam, afinal, um milagre, viesse de onde viesse.

Nunca se tinha visto no Brasil (exceto nas zonas do Padre Cícero ou de Antônio Conselheiro) nada que se assemelhasse a essas multidões que se revezavam, todos os dias, em frente ao Instituto do Coração, na capital paulista. Nunca se rezou tanto no Brasil. Nunca os crentes de uma religião olharam com mais simpatia os devotos de outras seitas. As velas dos umbandistas se confundiam com as que eram postas pelos fiéis do catolicismo. Esse o outro milagre a que todos assistimos: o milagre do ecumenismo. As mãos dos céticos e dos descrentes procuravam, ansiosamente, as mãos dos que tinham fé, na busca de uma solidariedade que os confortasse.

O Padre-Nosso não se limitou às naves das igrejas. Ganhou as praças públicas, como os comícios pró-Diretas. Na incerteza da reza que pudesse prevalecer, todos, fossem quais fossem as religiões que adotassem, pediam aos outros que não deixassem de rezar. O essencial era a esperança de ver de novo Tancredo Neves à frente dos destinos nacionais. Com a sua palavra inspirada, a sua confiança no futuro, o riso indulgente, a palavra acolhedora, como que ditada pela tolerância.

Outra vez era o Brasil unido como nunca. Um Brasil sem fronteiras, ao longo de suas dimensões continentais. Um Brasil agarrado a uma tábua de salvação que talvez nem existisse. Um Brasil em que o nome de Tancredo Neves serviria sempre de inspiração, na procura do rumo certo para a execução de um programa, de que não esteja ausente a felicidade do povo, nem a dignidade de uma pátria que não transige, na defesa de sua autonomia e de sua independência. Essa a mensagem de Tancredo Neves e que será, para sempre, a mensagem do próprio Brasil.